

## **MORTE E IDENTIDADE: A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA BARTHIANA NA CONSTRUÇÃO DE UM OBJETO DA HISTÓRIA DAS RELIGIÕES**

Marco Antonio Neves Soares\*

O estudo das religiões e das religiosidades e a inserção destes no campo da história reivindicam esforços de caráter interdisciplinar. Esta necessidade é uma exigência do próprio objeto, na medida em que, no homem, os aspectos numinosos ou mágicos – e mesmo a sua pretensa ausência – interagem na formação dos espaços sociais e econômicos. Moldam-se homens e nações com tais valores, dominam-se crianças e sociedades com a manipulação do mágico-religioso, por isso a história, a psicologia, a filosofia, a sociologia e a antropologia são as disciplinas que em suas formulações, constituíram um campo específico para a abordagem do fenômeno religioso: história das religiões, psicologia das religiões, filosofia da religião, sociologia da religião, e antropologia religiosa.

Entretanto, muitas vezes somar um epíteto à disciplina não basta para a apreensão do fenômeno em suas múltiplas manifestações, pois tanto a religião enquanto instituição que estabelece, difunde e firma uma norma, quanto uma religiosidade que a assimila e impõe formam prismas capazes de relevar o humano como o elemento produtor dessas relações. Relações estas que são sempre e necessariamente múltiplas e intercambiáveis.

Mas quando o escopo do modelo disciplinar não é capaz de construir ou sustentar um objeto, seja pela sua idiossincrasia, seja pelo limite da apreensão objetual, podemos reivindicar um exercício que alargue o campo disciplinar para que seja capaz de avaliar

---

\* Professor do Departamento de História; Coordenador de Curso de Arquivologia da Universidade Estadual de Londrina – UEL (samusque@uel.br).

argumentos construídos com formulações de outros *corpi* epistêmicos, subsumindo técnicas e procedimentos exógenos.

Ambas disciplinas, história e antropologia andaram muito próximas desde a fundação da *Escola des Annales* e mesmo com a pulverização após a terceira geração, tal proximidade foi mantida, apesar das revisões<sup>1</sup>.

A antropologia cedo percebeu a importância da morte para o universo dos vivos, compreendendo-a como um rito de passagem que estreitaria os laços entre os sobreviventes. Essas considerações de Arnold van Gennep<sup>2</sup> encontraram um campo fértil ao dialogar com a da história, pois possibilitou ao historiador novas ferramentas para abordar a morte em sua dimensão histórica.

Outra fundamentação que trouxe os estudos sobre a morte e seus ritos para o campo histórico veio dos estudos de Edgar Morin<sup>3</sup> e de Jean Baudrillard<sup>4</sup>. Embora teoricamente distantes, convergiram na importância da morte e de seus sinais visíveis e invisíveis na formação, conservação e transmissão de valores extemporâneos do homem.

No entanto o próprio saber histórico, sob os influxos da tradição dos *Annales*, já havia se debruçado sobre o papel da morte, como os trabalhos de Phillipe Ariès<sup>5</sup>. Isto foi possível graças aos esforços canônicos de interdisciplinaridade para a compreensão multidimensional da realidade social, onde cada nível ou dimensão traça sua própria história, ao mesmo tempo em que se articula com outras, a fim de restabelecer os movimentos de uma sociedade.

Mas foi o redimensionamento das teorias acerca da etnicidade que possibilitou a formação de novas correspondências entre as atitudes ante a morte, seus sinais (visíveis e invisíveis) e as características dos sistemas culturais e das formas de interação social que produziram tais atitudes. E neste sentido, as teorizações de Fredrik Barth<sup>6</sup> oferecem importante suporte para problematizar as relações entre etnias, grupamentos étnicos e suas fronteiras com o fenômeno na morte.

A percepção da morte como um valor carregado de sentidos que orienta ou indica ao vivo as suas posições ante a religiosidade e a auto-referência étnica, ou seja, sua identidade, é algo o que as categorias barthianas permitem objetivar. O que estamos dizendo é que reivindicamos esse diálogo interdisciplinar na formulação e execução do projeto *Etnicidade e morte: túmulos judaicos em cemitérios não-judaicos no Norte do Paraná – O caso de Rolândia*.

- O Caso de Rolândia

O estado do Paraná, no início da década de 30 do século XX expandia suas fronteiras agrícolas através de políticas de colonização, dirigida, sobretudo pelos ingleses, particularmente através da Companhia de Terras Norte do Paraná, sucursal da Paraná Plantations Ltd. A Paraná Plantations fazia propaganda de seu processo de colonização na Europa, o que interessou ao bremense Oswald Nixdorf. Conhecedor da agricultura tropical, pois já tinha sido agricultor em Sumatra, Nixdorf interessou-se pelas terras férteis, ainda inexploradas, e em 1932 embarcou para o Brasil.

Em 1933 foi a vez de Erich Koch-Wesser, ex-ministro da justiça e deputado do centro-direitista Partido Democrático e de Johannes Schauff, o mais jovem deputado do partido *Zentrum*. Ambos estabeleceram-se na Gleba Roland, e juntamente com Nixdorf lançaram as bases para a nova colônia. *Com três bremenses como fundadores, não é de se admirar que foi escolhido esse nome, apontando para o 'Roland da Liberdade', cuja estátua se acha em frente ao paço municipal de Bremen*<sup>7</sup>.

Koch-Weser e Schauff, após estabelecerem-se na Gleba Roland, voltaram algumas vezes para a Alemanha, estimulando outras famílias a emigrarem para o Brasil, adquirindo terras da companhia inglesa<sup>8</sup>, reafirmando a qualidade e fertilidade das terras, a salubridade do clima e a liberdade que poderiam gozar longe do Reich. Desta maneira,

a nova colônia não se distanciou, a princípio, do clima da política alemã, já que entre seus pioneiros havia aqueles que se estabeleceram fugindo da depressão econômica e do desemprego que assolavam a Alemanha na época, mas *vinham também muitos que por motivos políticos, religiosos ou questão de raça, se viam ameaçados de perseguição pelo regime nazista*<sup>9</sup>. Neste sentido, os novos colonos que se estabeleceram na gleba Roland tinham diferentes profissões: comerciantes, médicos, economistas, advogados, políticos, engenheiros, intelectuais e artistas, e aqueles que eram mais abastados, abrigaram e apoiaram outros menos favorecidos.

Após 1934 essa política entrou em crise, devido às restrições impostas pelo Reich à emigração, à aquisição de terras no estrangeiro e à transferência de bens e capitais. Para resolver esses impasses, Koch–Weser e Schauff elaboraram uma estratégia: *importar os materiais ferroviários, necessários para o prolongamento da estrada de ferro, não mais da Inglaterra, mas sim doravante da Alemanha, fazendo pagá-los pelos emigrantes com os seus fundos alemães*<sup>10</sup>, cabendo à Companhia de Terras converter as quantias aplicadas em uma espécie de vale-terra.

Entre 1934 e 1938 centenas de famílias estabeleceram-se na e em torno à Gleba Roland, calcula-se que entre 81 e 120 famílias com sangue judaico<sup>11</sup>, sem o serem necessariamente, pois muitos eram assimilados ou mesmo, pelo casamento, convertidos ao luteranismo ou ao catolicismo.

Assim, embora houvesse um número significativo de judeus nos primeiros anos de fundação de Rolândia, aquela localidade nunca chegou a se constituir como uma comunidade, um *ishuv*, com sua sinagoga e sua sociedade mortuária.

Max Hermann Maier, que chegou na região em 1938, após os episódios que culminaram com a *Kristallnacht*, em suas memórias, atribuía à falta de *mynian* (quorum masculino necessário para que haja ofícios religiosos) a impossibilidade de constituição de um *ishuv*. Outra hipótese é que, durante o período da guerra, grupos de nazistas e filo-

nazistas estabeleceram-se em Rolândia, o que restringiria a exteriorização das sensibilidades judaicas e a constituição de uma comunidade<sup>12</sup>. Finalmente uma terceira hipótese: como a maior parte dos judeus que ali se abrigaram era de judeus assimilados, de cultura laica e cosmopolita, não deram maior importância à construção de uma comunidade, preferindo atuar em um Clube Cultural chamado pró-Arte, onde mantinham a cultura européia, através de música, teatro e literatura.

Convém apontar que a língua que se comunicavam era o alemão, não o ídiche ou o hebraico, e na maioria dos casos eram parceiros de um casamento misto.

Italianos, alemães, austríacos e espanhóis, juntamente com populações japonesas e de origem árabe se dirigiram à região, e estabeleceram bases sólidas que vida comunal. Entre essa gama étnica estavam os judeus, em sua maioria judeus alemães e austríacos, refugiados do nazismo, muito mais identificados com a cultura germânica do que com sua ancestralidade.

No caso de Rolândia, onde essa presença foi mais significativa, por diferentes fatores não se constituiu uma comunidade judaica, assim como em nenhuma cidade do norte do Paraná, e por isso não é raro encontrar um túmulo como prescreve a tradição judaica em cemitérios municipais e confessionais da região.

#### - A etnicidade e a religiosidade

As relações do judeu com sua religiosidade ocorre de formas múltiplas; no humor judaico há uma *boutade* que é capaz de revelar com mais clareza esta relação e que afirma *onde há dois judeus, há três sinagogas*. Ou seja, pela própria especificidade da história dos judeus, a exteriorização e disseminação de sua sensibilidade religiosa ou religiosidade se dá de maneira emblemática. Devemos aqui inserir um complicador que foi

o surgimento da categoria *judeus de Hitler*, ou seja, aqueles que já haviam perdido suas ligações com a fé mosaica, muitas vezes por gerações, e que expressavam sua religiosidade em outras denominações religiosas ou que simplesmente eram defensores do agnosticismo.

Alfred Hirschberg, inquirindo-se acerca das causas que levariam um judeu a filiar-se a um *ishuv* afirma que *há judeus para os quais ser judeu significa estar associado a uma congregação – ao imigrar, logo que se estabelecem procuram uma congregação e a ela se filiam. Há outros judeus, porém, cujo judaísmo lhes foi brutalmente recordado; a rigor, são avessos e imunes aos apelos da vida congregacional, mas ocasionalmente ocorre procurarem uma sinagoga quando acontece algo de excepcional em suas vidas. Há ainda aqueles que vivem a congregação por fatos familiares, quando têm necessidade de presença irmã (enterros, casamentos) ou quando são pressionados por seus filhos*<sup>13</sup>. Em Rolândia, organizados em pequenas propriedades, ao invés de exteriorizarem o judaísmo, procuraram manter e exercitar a *Kultur*<sup>14</sup> sem constituir uma comunidade com identidade religiosa específica, recuperando-a ou reivindicando-a muitas vezes somente com a morte de um parente ou amigo.

Mesmo na Alemanha, esses judeus eram assimilados, muitas vezes frutos de casamentos mistos; judeus convertidos ao catolicismo ou ao luteranismo e também agnósticos, ou ainda pessoas de ancestralidade judaica, tidas como judeus pelas leis nazistas. Este quadro, com alguma exceção<sup>15</sup>, foi reproduzido em Rolândia. E para melhor compreendê-lo – assim como as suas exceções-, as categorias de Barth dão importantes subsídios.

Para Barth, os grupamentos étnicos são auto-referenciados<sup>16</sup>, ou seja, as suas identificações realizam-se pelos próprios atores, o que estabelece condições para interações mútuas e constituições de espaços identitários. Em Rolândia os cemitérios são espaços identitários privilegiados, pois as análises da arquitetura tumular, e o estudo de

suas inscrições, complementado por checagem em bases de dados genealógicas demonstram que um nome judeu pode estar sepultado com claros indicativos de sua religião judaica ou estar sepulto por formas mistas de tradições judaicas e cristãs.

Tais formas de sepulturas dos imigrantes manifestam indícios de filiação étnico-religiosa, que é mantida mesmo quando, por diferentes fatores, o indivíduo não exterioriza o judaísmo, mostrando-se católico ou luterano. Mas mesmos nas atitudes sincréticas ou agnósticas ainda são visíveis, localizáveis e tipificáveis os resquícios de judaísmo.

O túmulo da senhora Herta Sara Moser é um demonstrativo do primeiro tipo de atitude, a de exteriorização da etnicidade frente à morte. Falecida em 2003, sua lápide constam suas datas de nascimento e falecimento sob a *magen David*, a estrela de David. Mas não é apenas o símbolo tradicional do judaísmo que lá está exposto. O caráter perpétuo da sepultura, assim como um espaço reservado ao lado, dentro da área do próprio túmulo avisam os vivos que se trata de indivíduos que exteriorizam sua filiação religiosa, reconhecem-se e são por ela reconhecidos.

Não raro também é localizável nos cemitérios, posturas como da família Traumann cujos sinais aparentes indicam a conversão à uma denominação cristã, considerando-se as cruzes que encimam os jazigos de Else Joëns Traumann, Friedrich Ernst Traumann e Christopher W. Traumann. As informações sobre os mortos estão inscritas nestas três cruzes de madeira. Mas mais uma vez um outro sinal poderia indicar aproximações com o judaísmo: o caráter perpétuo em respeito à não exumação dos corpos para posteriores sepultamentos, e a disposição das covas, uma ao lado da outra, o que implica na constituição de um túmulo de extensão considerável.

Ocorre ainda uma terceira tipologia, que poderia ser chamada de sepulturas sem sinais exteriores, que trazem em suas lápides, apenas a identificação do falecido. E é na identificação que pode ser considerada sepultura de israelita, pois lá estão estampados sobrenomes de famílias de origem judaica, como Simon, Nussbaum, Hirsch, Rosenthal,

dentre outros. Em comum a essas três tipologias, a simplicidade de tais sepulturas: caixas de tamanho variável, em sua maioria encimados por pedras, plantas ou terra.

As sepulturas de israelitas encontradas nos dois cemitérios do município de Rolândia tornam-se marcadores, sinal para os vivos, onde as representações e simbologias empregadas para identificar o morto identificam e expõem a maneira com que os vivos constituem suas fronteiras. É evidentemente uma categoria fundamental da antropologia barthiana, a compreensão de que é a *fronteira étnica que define o grupo e não a matéria cultural que ela abrange*<sup>17</sup>, e isso deve ser o crivo norteador do uso e aplicação de tais formulações. Assim, é possível compreender fronteiras como valores não-estáticos, mas capazes de reconfigurarem-se com os sujeitos, o que abre a possibilidade para encontrar variações identitárias entre membros do mesmo grupamento.

#### Considerações finais

A interdisciplinaridade tem sido uma reivindicação do campo história desde a fundação da *Escola des Annales*. Tal reivindicação surgiu no sentido de alargar o campo histórico com novos temas a partir da idéia da construção do objeto. Por isso que pensar a interdisciplinaridade e conjuntamente com ela estabelecer um novo objeto é uma questão epistêmica que o historiador não pode se furtar a discutir, concordando ou não com os procedimentos da tradição *annaliste*.

Desta reivindicação, a história se aproximou da psicologia social, da geografia, da filosofia e outras disciplinas, mas com mais freqüência da antropologia. A Antropologia permitiu ao historiador, que novos ferramentas e procedimentos fossem utilizados na execução de seu ofício, mas também se descortinou a possibilidade da elaboração objetual.



Em Rolândia-PR, a especificidade da imigração de alemães de origem judaica pode ser incompreendida ou observada apenas pela sua exterioridade, caso nos restrinjamos somente ao uso dos recursos históricos. Por isso fez-se necessário utilizarmos conceitos estabelecidos pelo antropólogo norueguês Fredrik Barth, sobretudo os de grupamento étnico, fronteiras e etnicidade para entendermos a maneira como esses imigrantes servem-se da sua religiosidade como sinal identitário, ou seja, a partir da sensibilidade religiosa estampada nas lápides e túmulos, observar e problematizar a morte, concebida como um marco, uma baliza para a constituição das identidades dos vivos.

---

<sup>1</sup> Diversos estudos apontam e avaliam a presença da antropologia na tradição *annaliste*, de Bloch aos reivindicadores da nova história cultural. Cf. Burke, Peter, *A Escola dos Annales*, 1929-1989. SP: Ed. UNESP, 1997; Dosse, François, *História em migalhas*. SP: Ensaio, 1992; Dosse, François, Entrevista, in Pós-História, v. 4, 1996; Falcon, Francisco, *História cultural*. RJ: Campus, 2002.

<sup>2</sup> Gennep, Arnold van, *Les rites de passage*, NYC: Johnson reprint, 1969.

<sup>3</sup> Morin, Edgar, *O homem e a morte*, RJ: Imago, 1997.

<sup>4</sup> Baudrillard, Jean, *As trocas simbólicas e a morte*, SP: Loyola, 1996.

<sup>5</sup> Ariès, Ph., *O homem ante a morte*, 2a. ed., RJ: Francisco Alves, 1989 e Ariès, Ph., *História da morte no Ocidente*, RJ: Francisco Alves, 1997.

<sup>6</sup> Barth, Fredrik, Grupos étnicos e suas fronteiras in Poutignat, Ph. e Streiff-Fenart, J., *Teorias da etnicidade*, SP: Ed. UNESP 1998

<sup>7</sup> Prüser, Friedrich, O "Roland" e Rolândia in *Roland und Rolandia: Zu Aufrichtung eines Bremen Rolandes im brasilianischen Rolandia*. Bremen: Internationale Verlagsgesellschaft, Robert Bargmann, 1957.

<sup>8</sup> Cf. Maier, Max Hermann, *Um Advogado de Frankfurt se torna Cafeicultor na Selva Brasileira: Relato de um Imigrante (1938-1975)* (tradução de Mathilde Maier e Elmar Joenck do original alemão: *Ein Frankfurter Rechtsanwalt wird Kaffeepflanzer im Urwald Brasiliens: Bericht eines Emigranten 1938-1975*, Frankfurt am Main: Josef Knecht Verlag, 1975, datilografado), p. 2.

<sup>9</sup> Cf. Prüser, Friedrich, op. cit. p. 129

<sup>10</sup> Cf. Prüser, Friedrich, op. cit. p. 130

<sup>11</sup> Cf. Kosminsky, Ethel, *Rolândia, A Terra Prometida: judeus refugiados do nazismo no Norte do Paraná*, SP: CEJ/USP, 1985; também Maier, Max Hermann, op. cit. p. 20

<sup>12</sup> Maier, op. cit. p.22

<sup>13</sup> Hirschberg, Alice Irene, *Desafio e resposta: a história da Congregação Israelita Paulista*. SP: CIP, 5736-1976, p.66.

<sup>14</sup> Designação que referencia os grandes formadores do espírito alemão, como Kant, Goethe e Beethoven. Cf. Adorno, Theodor, Sobre la pregunta "¿Qué es alemán?", in *Consignas*. Buenos Aires: Amorrortu, s/d.

<sup>15</sup> Max Herman Maier, em suas memórias afirma que ao chegar no Brasil, passou por São Paulo para tratar a saúde de sua esposa, e aproveitando a situação, associou-se à Congregação Israelita Paulista, CIP, um *ishuv* típico do judaísmo urbano alemão do pré-guerra.

<sup>16</sup> Barth, F., op. cit. p. 189

<sup>17</sup> Barth, F., idem, p.195.